

Mary Shelley

O imortal mortal

16 DE JULHO DE 1833 — Este aniversário é memorável para mim; nele completo meu tricentésimo-vigésimo-terceiro ano!

O Judeu Errante? Com certeza não. Mais de dezoito séculos tem atrás de si. Em comparação com ele, sou um Imortal bem jovem.

Sou mesmo imortal? Eis uma pergunta que me faço já há 303 anos, e ainda não sei responder. Detectei um cabelo grisalho entre meus cachos no dia de hoje — o que certamente significa decadência. Mas pode ter ficado escondido lá durante trezentos anos, pois algumas pessoas ficam com a cabeça toda branca antes dos vinte anos de idade.

Contarei minha história, e o leitor julgará por mim. Contarei minha história e, assim, conseguirei passar algumas horas de uma longa eternidade, que se tornou tão cansativa para mim. Para sempre! Pode ser? Viver para sempre! Sei de encantamentos cujas vítimas foram postas em sono profundo, para acordar, depois de cem anos, novas em folha: sei dos Sete Dorminhocos — desse modo, ser imortal não seria tão opressivo: mas, ah, o peso do tempo que nunca tem fim — a passagem entediante das horas em contínua sucessão!

Como foi feliz o lendário Nourjihad! Mas vamos à tarefa.

O mundo todo ouviu falar de Cornélio Agripa. Sua memória é tão imortal quanto sua magia assim também me tornou. O mundo todo ouviu falar igualmente de seu discípulo que, de forma inesperada, despertou o espírito imundo durante a ausência do mestre e foi por ele destruído. O relato, verdadeiro ou falso, desse acidente foi acompanhado de muitos inconvenientes para o renomado filósofo. Todos os seus discípulos de

imediatamente o desertaram, seus criados desapareceram. Não tinha ninguém junto a si para colocar carvão nas fogueiras sempre acesas enquanto ele dormia, nem para prestar atenção às cores cambiantes de suas poções enquanto ele estudava. Experimento após experimento, todos falhavam, porque um par de mãos apenas era insuficiente para levá-los a cabo; os espíritos tenebrosos riam dele por não ser capaz de manter um único mortal a seu serviço.

Nessa época eu era bem novo, paupérrimo, e apaixonadíssimo. Durante cerca de um ano eu fora aluno de Cornélio, embora eu não estivesse ali quando ocorreu o acidente. Ao voltar, meus amigos me imploraram que não retornasse à residência do alquimista. Tremi enquanto ouvia a medonha história contada por eles; não foi preciso segundo aviso; e, quando Cornélio veio me oferecer uma bolsa de ouro caso eu permanecesse sob seu teto, senti como se o próprio Satã me tentasse. Meus dentes batiam — meus cabelos ficaram em pé —, corri com a rapidez que meus joelhos trêmulos permitiram. Meus passos incertos seguiram em direção ao lugar onde, fazia dois anos, toda noite eram atraídos — uma fonte suavemente borbulhante de águas límpidas, ao lado da qual permanecia uma menina de cabelos escuros, cujos olhos radiantes se fixavam no caminho que eu estava habituado a fazer toda noite. Não consigo lembrar um momento em que eu não tenha amado Berta; fomos vizinhos desde a infância, brincamos juntos — seus pais, como os meus, levavam uma vida modesta, mas respeitável —, nossa ligação fora uma fonte de prazer para eles. Numa hora ruim, uma febre maligna carregou tanto o pai quanto a mãe dela, e Berta se tornou órfã. Ela teria encontrado um lar sob o teto de meus pais, mas, infelizmente, a velha senhora do castelo próximo, rica, sem filhos e solitária, declarou sua intenção de adotá-la. Daí por diante, Berta foi vestida com seda — habitou um palácio de mármore — e

foi vista como altamente favorecida pela fortuna. Mas em sua nova situação, entre seus novos companheiros, Berta permaneceu fiel a seu amigo dos tempos mais humildes; com freqüência visitava a cabana de meu pai e, quando a proibiam de ir ali, ela se embrenhava no bosque vizinho e me encontrava ao lado da fonte, sob as árvores.

Várias vezes ela declarou que não tinha deveres para com sua nova protetora que se iguallassem em santidade aos que nos uniam. Ainda assim, eu era pobre demais para casar, e ela cansou de se atormentar por minha causa. Ela possuía um espírito altivo, porém impaciente, e zangouse com os obstáculos que impediam nossa união. Encontramo-nos após uma ausência; ela fora cruelmente pressionada enquanto eu estava longe; queixouse com amargor, quase me recriminando por eu ser pobre. Precipitei-me a replicar:

— Sou honesto, sendo pobre! Se não fosse, logo ficaria rico!

Essa exclamação suscitou mil perguntas. Temi chocá-la caso eu confessasse a verdade, mas ela arrancou-a de mim; então, lançando-me um olhar de desdém, disse:

— Você finge amar, e teme encarar o Diabo por mim!

Protestei, dizendo que eu apenas temera ofendê-la — enquanto ela insistia na magnitude da recompensa que eu receberia. Assim encorajado — constrangido por ela —, levado por amor e esperança, achando graça nos meus últimos temores, a passos lépidos e de coração leve, voltei para aceitar as ofertas do alquimista, e de imediato fui instalado em meu escritório. Um ano se passou. Entrei na posse de quantia nada insignificante de dinheiro. O hábito banira meus medos. Apesar da mais árdua vigilância, eu nunca detectara rastro de pé satânico; tampouco o silêncio de estudiosos reinante em

nossa habitação era perturbado por uivos demoníacos. Eu continuava a ter meus encontros furtivos com Berta; a Esperança nascia em mim — Esperança, mas não perfeita alegria; pois Berta imaginava que amor e segurança fossem inimigos; seu prazer era dividi-los no meu peito. Embora sincera de coração, era meio coquete nos modos; e eu era ciumentíssimo. Ela me desconsiderava de mil maneiras, mas nunca iria admitir que estava errada. Deixava-me louco de raiva e depois me forçava a pedir perdão. Às vezes, achava que eu não era submisso o suficiente e aí lançava mão de alguma história com um rival favorecido por sua protetora. Estava cercada de jovens vestidos de seda — ricos e alegres —; que chance tinha o mal-trajado discípulo de Cornélio, comparado com eles?

Uma ocasião, o filósofo solicitou tanto o meu tempo, que não pude encontrá-la como estava habituado. Ele estava empenhado em algum trabalho de peso, e fui forçado a permanecer, dia e noite, alimentando suas fornalhas e cuidando de seus preparados químicos. Berta me esperou em vão na fonte. Seu espírito orgulhoso se incendiou com essa negligência; e, quando por fim escapuli, durante os poucos minutinhos que me concederam para eu cochilar, esperando ser consolado por ela, me recebeu com desdém, me dispensou com escárnio e jurou que qualquer homem poderia ter sua mão, mas não aquele que não pôde estar em dois lugares ao mesmo tempo por amor a ela. Seria vingada!... E realmente foi. Em meu lúgubre retiro soube que fora caçar acompanhada de Albert Hoffer. Albert Hoffer era favorecido por sua protetora, e os três passaram em cavalgada diante de minha janela enfumaçada. Pareceu-me que mencionavam meu nome — o que foi seguido por um riso de deboche, enquanto ela relanceava seus olhos escuros com desprezo em direção a minha moradia.

O ciúme, com todo seu veneno e toda sua miséria, entrou em meu peito. Então despejei uma torrente de lágrimas, ao pensar que nunca devia tê-la chamado de minha; dentro em pouco lançava mil maldições sobre sua inconstância. Mas eu ainda tinha que remexer as fogueiras do alquimista, ainda precisava cuidar das mudanças de suas ininteligíveis poções.

Cornélio velara por três dias e noites, sem fechar os olhos. O progresso de suas retortas era mais lento que o esperado; apesar de sua ansiedade, o sono pesava-lhe nas pestanas. Repetidamente afastava a sonolência com energia sobre-humana; repetidamente ela amortecia seus sentidos. Observava os cadinhos, com tristeza.

— Ainda não está pronto — murmurou —, outra noite passará antes de findar o trabalho? Winzy, você é vigilante, é de confiança, você dormiu, rapaz, dormiu a noite passada. Olhe aquele recipiente de vidro. O líquido nele contido é de cor rosa suave; no momento em que começar a mudar de matiz, me acorde: até lá posso fechar os olhos. Primeiro, vai ficar branco, e então emitir clarões dourados; mas não espere; quando a cor de rosa desaparecer, me acorde.

Mal ouvi as últimas palavras, sussurradas como foram em meio ao sono.

Nem mesmo aí ele chegou a ceder à natureza.

— Winzy, meu amigo — disse ele de novo —, não toque no recipiente nem o coloque na boca; é um filtro, um filtro para curar o amor; você não cessaria de amar sua Berta. Atenção para não beber!

E dormiu. Sua cabeça venerável mergulhou no peito, e eu mal podia ouvir sua respiração costumeira. Durante alguns minutos observei o recipiente — o matiz rosado do líquido permanecia inalterado. Então meus pensamentos passearam — visitaram a fonte e se demoraram em mil cenas encantadoras

que nunca se renovariam — nunca! Serpentes e víboras estavam em meu coração enquanto a palavra "Nunca!" se formava a meio em meus lábios.

Falsa menina! Falsa e cruel! Nunca mais iria ela sorrir para mim como naquela noite sorrira para Albert. Mulher sem valor, detestável! Eu não ficaria sem vingança — ela veria Albert expirar a seus pés —, ela morreria sob o peso de minha vingança. Sorrira com desdém, em triunfo — sabia de minha insignificância e de seu poder. Mas que poder tinha ela? O poder de estimular meu ódio, meu total escárnio, meu... ah, tudo menos indiferença! Pudesse eu chegar a isso — pudesse encará-la com olhos desinteressados, transferindo meu amor rejeitado para outra mais linda e mais verdadeira, isso seria de fato uma vitória!

Um clarão luminoso cintilou diante de meus olhos. Esquecera a poção do iniciado; contemplei maravilhado: clarões de admirável beleza, mais brilhantes que os emitidos pelo diamante quando os raios de sol incidem sobre ele, cintilavam na superfície do líquido; um aroma dos mais perfumados e deliciosos me invadiu os sentidos; o recipiente parecia um globo de viva radiância, adorável para a vista e convidativo ao paladar. O primeiro pensamento, instintivamente inspirado pelos sentidos grosseiros, foi "Vou... tenho que beber". Ergui o recipiente até os lábios. — "Vou me curar do amor... da tortura." Já emborcara metade da mais deliciosa bebida jamais saboreada pelo homem, quando o filósofo se mexeu. Eu comecei... eu deixei cair o recipiente — o fluido chamejou e cintilou pelo chão e, ao mesmo tempo, senti Cornélio me agarrar pelo pescoço, enquanto berrava:

— Infeliz! Você acaba de destruir o trabalho de minha vida!

O filósofo ignorava por completo que eu houvesse tomado um pouco que fosse de sua droga. Sua idéia — que, tacitamente, confirmei — foi que eu

pegara o recipiente por curiosidade e, assustado com seu brilho e os clarões de intensa luz que emitia, o deixara cair. Não desfiz o engano. O fogo da poção estava extinto — o perfume sumiu —, ele ficou calmo, como deve permanecer um filósofo sob as mais pesadas provas, e me deu folga, para que fosse descansar.

Não vou tentar descrever o sono de glória e benção que banhou minha alma no paraíso durante as horas restantes daquela noite memorável. As palavras seriam símbolos débeis e banais de minha alegria ou do contentamento que se apossou do meu peito quando acordei. Meus passos não tocavam o chão — meus pensamentos estavam no céu. A terra parecia o céu, e a herança que me deixava era um arrebatamento de deleite. "Isto é ser curado do amor" — pensei —; "vou ver Berta hoje e ela vai achar seu apaixonado frio e desinteressado: feliz demais para ser desdenhoso, mas indiferente por completo a ela!"

As horas dançavam. O filósofo, seguro de ter obtido êxito uma vez, e acreditando que obteria de novo, recomeçou a elaborar a mesma poção.

Ficou trancado com seus livros e drogas, e eu tive uma folga. Vesti-me com apuro; olhei-me num velho, mas polido escudo que me serviu de espelho; pareceu-me que minha aparência tinha melhorado maravilhosamente.

Apressei-me para fora dos limites da cidade, com alegria no coração, rodeado pela beleza do céu e da terra. Direcionei meus passos para o castelo — podia olhar suas torres imponentes com o coração leve, pois eu estava curado do amor. Minha Berta me viu de longe, quando eu subia a alameda. Não sei que súbito impulso animou seu peito, mas, ao me ver, saltou com uma leveza de gazela os degraus de mármore, correndo na minha direção. Mas eu fora percebido por outra pessoa. A velha bruxa bem-nascida, que se intitulava sua

protetora, e era sua tirana, me vira também; ela cambaleou ofegante até o terraço; um pajem, tão feio quanto ela, segurava a cauda de seu vestido e a

abanava enquanto ela se precipitava para deter minha linda menina:

— O que é isso, minha atrevida senhora? Aonde vai tão rápido? De volta para a gaiola — há falcões à solta!

Berta torceu as mãos — seus olhos ainda estavam voltados para minha figura a se aproximar. Vi o conflito. Como abominei a velha caquética que tolhia os impulsos delicados do coração abrandado de minha Berta. Até ali, o respeito por sua posição me fizera evitar a senhora do castelo; agora eu desdenhava considerações tão triviais. Estava curado do amor, e pairava sobre todos os medos humanos; avancei rápido e logo alcancei o terraço. Como Berta estava adorável! Os olhos soltavam fogo, as bochechas brilhavam de impaciência e raiva, estava mil vezes mais graciosa e encantadora do que nunca — eu não mais amava, ah! não, adorava... venerava... idolatrava! Essa manhã ela fora perseguida com veemência maior que a de sempre, para consentir num casamento imediato com meu rival. Era recriminada por tê-lo encorajado — era ameaçada com ser posta na rua em desgraça e vergonha. Seu espírito orgulhoso se armou contra a ameaça; mas ao lembrar o escárnio que despejara sobre mim, e como assim perdera, talvez, seu único amigo, chorou com remorso e raiva. Nesse momento, apareci.

— Ah, Winzy! — exclamou ela —, leve-me para a cabana de sua mãe; me faça abandonar depressa os luxos detestáveis e a infelicidade deste lugar de nobres, me leve para a pobreza e a felicidade.

Apertei-a nos braços com arrebatamento. A velha estava sem palavras, em sua fúria, e só desandou a lançar invectivas quando estávamos longe, a caminho da cabana onde nasci. Minha mãe recebeu a linda fugitiva,

libertada da gaiola dourada e devolvida à natureza e à liberdade, com ternura e alegria; meu pai, que a amava, deu-lhe as boas-vindas de coração; era um dia de regozijo, e eu não necessitava do acréscimo da poção do alquimista para me encher de deleite.

Logo depois desse dia cheio de acontecimentos, tornei-me o marido de Berta. Deixei de ser discípulo de Cornélio, mas continuei seu amigo. Sempre me senti grato a ele por ter, sem o saber, me proporcionado aquela dose deliciosa de um elixir divino que, em vez de me curar do amor (triste cura! Solitário remédio destituído de alegria para males que parecem bênçãos à lembrança), me inspirara com coragem e resolução, para assim eu conquistar um inestimável tesouro na pessoa de minha Berta.

Com freqüência, ao trazer à mente esse período de inebriante arrebatamento, fiquei maravilhado. A bebida de Cornélio não alcançara o resultado para o qual ele afirma ter sido preparada, mas seus efeitos foram mais potentes e abençoados do que as palavras conseguem exprimir. Eles foram desaparecendo gradualmente, mas atuaram durante bastante tempo — e pintaram a vida em tons de esplendor. Berta costumava se maravilhar com a leveza do meu coração e minha inabitual alegria; pois antes eu fora bem sério, ou mesmo triste em minha maneira de ser. Ela me amou mais por meu espírito animado, e vivíamos exultantes de alegria.

Cinco anos depois, fui chamado às pressas à cabeceira do moribundo Cornélio. Mandara me chamar com urgência, suplicando por minha imediata presença. Encontrei-o estirado no seu catre, tão debilitado que já estava à morte; a vida que ainda restava animava seus olhos penetrantes, fixados num recipiente de vidro, cheio de líquido rosado.

— Contemple — disse ele, numa voz entrecortada e voltada para dentro

— a futilidade dos desejos humanos! Pela segunda vez, minhas esperanças quase são coroadas de êxito; pela segunda vez, destruídas. Olhe para esse líquido: você se lembra que eu, cinco anos atrás, preparara um igual, com o mesmo sucesso; então, como agora, meus lábios sedentos esperavam saborear o elixir imortal; você o tirou de mim e agora é tarde demais.

Falava com dificuldade, e se abateu de novo sobre o travesseiro. Não consegui deixar de dizer:

— Como, venerável mestre, pode a cura do amor restaurar a vida? Um pálido sorriso brilhou em seu rosto enquanto eu ouvia com atenção sua resposta quase inteligível.

— Cura para o amor e para todas as coisas: o Elixir da imortalidade. Ah, se eu bebesse agora, viveria para sempre!

Enquanto ele falava, um clarão dourado brilhou no fluido; um perfume do qual eu me lembrava muito bem invadiu o ar; ele levantou-se, fraco como estava — a força parecia miraculosamente entrar de novo em sua carcaça — esticou a mão — uma alta explosão me abalou — um raio de fogo jorrou do elixir, e o recipiente de vidro que o continha se fragmentou até os átomos! Voltei meus olhos para o filósofo; ele caíra — seus olhos estavam vítreos... suas feições rígidas... estava morto!

Mas eu fiquei vivo, e viveria para sempre! Assim disse o infeliz alquimista, e por alguns dias acreditei em suas palavras. Lembrei-me da esplêndida embriaguez causada pela dose que roubei. Refleti na mudança que sentira em meu corpo — em minha alma. A saltitante elasticidade de um, a flutuante leveza da outra. Examinei-me num espelho e não consegui perceber nenhuma mudança nas feições durante o espaço de cinco anos que decorreram. Lembro-me dos matizes luminosos e do aroma agradável daquela

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

